



Implicações da noção de escuta para a clínica de linguagem: uma reflexão saussuriana

Listening and its implications to the speech therapy clinic: a saussurean reflection

Luiza Milanoⁱ - (UFRGS)

Mélany Dias da Silveiraⁱⁱ - (UFRGS)

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão acerca da noção de escuta, que prevê suscitar repercussões para o âmbito da clínica de linguagem partindo de uma leitura singular de contribuições da linguística saussuriana. Há, nesse sentido, um deslocamento realizado a partir de conceitos presentes nas obras de Ferdinand de Saussure (*CLG* 1974, *CLG* 1972, *ELG* 2004), como falante, ouvinte e acústico, que pressupõem uma noção de escuta e podem vir a desempenhar um papel relevante na atuação em clínica de linguagem.

Palavras-chave: clínica de linguagem; escuta; fala; falante; ouvinte.

Abstract: This paper proposes a reflection on the notion of listening that seeks to produce results in the field of the language clinic based on a singular reading of contributions from Saussurean Linguistics. In this sense, there is a displacement made from concepts found in Ferdinand de Saussure's work (*CLG* 1974, *CLG* 1972, *ELG* 2004), such as those of speaker, listener, and acoustic, which presuppose a notion of listening that may play a relevant role in language clinic actions.

Keywords: language clinic; listening; speaking; speaker; listener.

Introdução

A clínica de linguagem¹ e o âmbito dos estudos linguísticos implicam-se mutuamente, com aspectos interdependentes, produzindo indagações que repercutem em reflexões para ambas as áreas. Partindo de reflexões oriundas do campo clínico – no qual compreende-se a interação de dois indivíduos envolvidos no processo terapêutico – surge nossa questão a respeito do papel que o lugar de escuta desempenha na clínica de linguagem. Com o intuito de explorar este tema de caráter interdisciplinar, buscaremos amparo nas contribuições da linguística saussuriana.

A noção de escuta tem sido um frequente interrogante no percurso de estudos que viemos traçando a respeito do aspecto fônico da língua. Na busca de considerações acerca desta concepção, encontramos significativo aporte no campo da linguística, uma vez que é a disciplina com notória dedicação aos estudos dos elementos da língua, dos aspectos envolvidos no ato de fala e das atribuições dos sujeitos envolvidos no discurso. Por essa mesma razão, no presente artigo, fundamentaremos nossos argumentos em teorizações oriundas do legado de Ferdinand de Saussure.

Como ponto de partida de nossas reflexões, ocupamo-nos inicialmente das seguintes indagações: o que é escuta? Qual a especificidade da escuta na clínica de linguagem? De que maneira este conceito auxilia a reflexão acerca do processo terapêutico?

Na intenção de contemplar estes questionamentos e propor reflexões pertinentes à clínica de linguagem, procuraremos respaldo na teoria de Ferdinand de Saussure e nos estudos relativos a este autor, buscando circunscrever o lugar do sujeito falante-ouvinte² nos fatos da linguagem.

Buscaremos nos pressupostos do mestre genebrino, observações que ele mesmo, muitas vezes, não chegou a dar destaque, mas que nem por isso deixaram de estar presentes em suas propostas. É importante salientar que buscaremos nas fontes saussurianas formulações para posterior reflexão, evitando, assim, a simples adesão

¹ “Expressão utilizada para referir um campo específico da área de atuação clínica no terreno dos transtornos de linguagem (demarcando diferenças entre um fazer clínico fonoaudiológico pautado por aderência a disciplinas como linguística, medicina e pedagogia e um fazer clínico em clínica de linguagem com uma escrita própria)”, conforme Surreaux, 2006.

² Encontram-se no Curso de Linguística Geral (1974) inúmeras referências ao sujeito falante. A expressão sujeito falante-ouvinte aqui utilizada foi cunhada a partir das reflexões e deslocamentos que operamos a partir de uma leitura prospectiva da obra de Ferdinand de Saussure.

irrefletida ao saber da linguística. Convém enfatizar ainda que não nos ocuparemos de construir ou de propor uma leitura detalhada da noção de escuta³ que incida sobre a linguística, mas sim, de operar uma interpretação singular do que o autor apresenta em suas formulações, havendo, nesse sentido, um deslocamento de conceitos propostos no terreno da linguística para o campo da clínica de linguagem.

No que se refere à noção de escuta, nossa investigação acerca do tema busca, nas fontes selecionadas para o presente estudo, o emprego deste conceito em distinção com a ideia de audição, que se prende tão somente ao sentido fisiológico, ao próprio ouvido; ao passo que, para escutar faz-se necessário a utilização da função específica da atenção e interpretação – aspectos essenciais na clínica de linguagem para a apreensão não apenas do som, mas de seu sentido.

Em diversas práticas de intervenções fonoaudiológicas, é possível perceber um distanciamento da perspectiva com a qual procuramos aplicar e compreender a noção de escuta, modelos que determinam o sujeito em tratamento como aquele que apenas sofre, passivamente, a ação da terapia. No desenvolvimento de nossa reflexão, buscaremos investigar uma concepção que interrogue e analise o papel da escuta nas interações comunicativas, deslocando esta questão para pensar na relação dos interlocutores implicados no processo terapêutico da clínica de linguagem, e provocando reflexões que não limitem o paciente à inação.

Nesse sentido, os interrogantes que surgem no âmbito da clínica de linguagem perpassarão, no presente artigo, um caminho que busca discutir a noção de escuta a partir dos pressupostos saussurianos.

Fundamentação Teórica: caminhos de leitura e releitura

Inauguramos nosso diálogo com a área dos estudos da linguagem a partir da leitura de Roland Barthes⁴. Em um escrito acerca da concepção de escuta (BARTHES e HAVAS, 1987), o autor sublinha três possibilidades: o primeiro tipo de escuta sendo caracterizado como um exercício de ouvir índices que assinalam um alerta; o segundo tipo de escuta é uma decifração – signos que se tentam captar através do ouvido; e o terceiro tipo de escuta

³ Essa discussão pode ser encontrada em Stawinski (2016) e em Milano; Stawinski; Gomes (2016).

⁴ Conforme Barthes e Havas (1987).

é aquele que não visa ou espera signos determinados, mas está atento a quem fala, desenvolvendo-se em um espaço intersubjetivo determinado pelo inconsciente. No que se refere a esta escuta psicanalítica, como Barthes a nomeia, atentamos para o fato de que não estamos sugerindo que a fonoaudiologia se ocupe daquilo que consiste no inconsciente. No entanto, esse tipo de escuta envolveria o fato de o clínico estar disposto a escutar com sensibilidade aquilo que também constrói a cena terapêutica da clínica de linguagem, desempenhando uma intervenção capaz de desdobrar o sofrimento causado pelo sintoma no âmbito da linguagem. Levando em consideração os objetivos da reflexão que ora empreendemos, interessa-nos especialmente o que o autor diz a respeito do terceiro tipo de escuta, pois acreditamos que é necessário supor valor no dizer do outro para escutar aquilo que ele nos diz.

A fundamentação teórica apresentada a seguir é orientada pelo viés da teoria linguística saussuriana, que, de alguma forma, se ocupou da noção de escuta. Visto que nosso objetivo é buscar contribuições da linguística para responder às questões oriundas do âmbito clínico, no presente estudo, a ancoragem teórica estará restrita a Ferdinand de Saussure, reconhecido como o fundador da linguística enquanto ciência.

Longe de fazer uma reprodução da teoria, almejamos imprimir uma leitura singular que se direciona para as principais proposições conceituais em relação ao papel da escuta nos processos de comunicação contidas em textos específicos do (e sobre o) autor. Dessa maneira, procuramos um diálogo entre a linguística e a clínica de linguagem, realçando os princípios linguísticos que podem ser deslocados para o terreno da clínica, de modo a buscar uma noção de escuta⁵ que possa interessar àqueles que trabalham com clínica de linguagem.

No rastro da escuta da teoria saussuriana

Partindo do clássico livro *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1974), no qual foram definidos conceitos fundamentais para formulações do domínio linguístico, percorreremos também as lições pertencentes à versão dos *Escritos de Linguística Geral*, organizada por

⁵ A implicação da noção de escuta na clínica de linguagem foi já abordada em Pollonio (2011, p. 48), Andrade (2005, p. 168), Lier-DeVitto e Emendabili (2015, p. 75). Embora nosso estudo dialogue fortemente com as referidas reflexões, o objetivo do presente artigo é de dar visibilidade a aspectos da teoria linguística saussuriana ainda não apontados por estes autores.

Simon Bouquet e Rudolf Engler (SAUSSURE, 2004), e às notas de Tullio de Mauro (SAUSSURE, 1972). Nossa escolha pelo autor se baseia não apenas no fato de sua notoriedade nas pesquisas da área linguística, mas também, por ser inegável o fato de que o linguista genebrino esteve às voltas com o aspecto fônico da língua ao considerar o lugar do falante, do ouvinte e da escuta em suas reflexões. Nesse sentido, o presente trabalho investiga aspectos relacionados à escuta no legado saussuriano, tendo a clareza de que esse termo não está registrado de forma evidente em seus estudos, mas imprimindo uma leitura que leva em conta o que indica ser uma noção de escuta, a partir de seus ensinamentos e considerações, conforme destacaremos a seguir.

Tomemos como ponto de partida o *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma fruto de um corajoso empreendimento editorial de Bally e Sechehaye. Há, logo no início do clássico livro, um capítulo⁶ dedicado ao esclarecimento do que seria o objeto da linguística no qual Saussure assinala os diversos aspectos que constituem o fenômeno linguístico. Nesse capítulo, o autor nos apresenta a relação entre a impressão acústica e o ouvido:

As sílabas que se articulam são impressões acústicas percebidas pelo ouvido, mas os sons não existiriam sem os órgãos vocais; assim, um *n* existe somente pela correspondência desses dois aspectos. (SAUSSURE, 1974, p. 15)

Dessa forma, é possível compreender a relação interdependente dos sons percebidos e da articulação vocal, as duas faces inerentes aos fatos linguísticos, dispensando a perspectiva simplista de uma fisiologia despreendida de seus efeitos. Portanto, apesar de o aparelho fonador não ser o objeto de estudos da teoria saussuriana, não se pode desconsiderar o fato de que tal aparelho possibilita a produção de sons que passarão a ser significantes na língua, ou seja, é um método equivocado desassociar o som da articulação vocal, bem como definir os movimentos dos órgãos vocais fazendo abstração da impressão acústica.

Na sessão que segue, no interior do mesmo capítulo que trata sobre o objeto da linguística, Saussure nos apresenta o “Lugar da língua nos fatos da linguagem” (SAUSSURE, 1974, p. 19), e nos coloca diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala. A reflexão do mestre genebrino é precedida da seguinte ilustração:

⁶ Capítulo III da Introdução do Curso de Linguística Geral, *Objeto da linguística*.



(Figura 1. Circuito da fala, SAUSSURE, 1974, p. 19)

Logo após apresentar o esquema do circuito da fala, é indicada a ideia da língua como virtualidade, isto é, no pensamento do falante; o signo é virtual, transmitido por um processo puramente físico ao ouvinte, que fisiologicamente recebe a onda sonora e a interpreta em um fenômeno inteiramente psíquico – na sua virtualidade. É indicado, desde então, que o ouvido será responsável por desempenhar posição essencial neste circuito, conforme se pode constatar no capítulo seguinte⁷: “Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos” (SAUSSURE, 1974, p. 27).

Será, então, entre a produção por parte do falante e a recepção por parte do ouvinte que o fenômeno linguístico se estabelece. E é essa condição recíproca e reversível que nos leva a considerar a hipótese de um falante-ouvinte em cada interlocutor representado no circuito da fala (cf. acima).

A partir da reversibilidade do par falante-ouvinte (Sr. A e Sr. B.), que tece o modelo linear da interação linguística, D’Ottavi (2010, p. 78-79)⁸ nos aponta uma disposição ativa do lado receptivo do falante em seu exercício de decodificação, posto que nossa orelha capta uma massa amorfa, recorta unidade e identifica aquilo que (re)conhece; logo, percebemos a impressão acústica estabelecendo identidade.

Ainda na introdução do *Curso*⁹, há um capítulo dedicado à fonologia e, logo depois, um apêndice sobre o mesmo tema, no qual se constata uma definição de fonema que pressupõe o aspecto perceptivo das diferenças entre os sons: “(...) pelo ouvido, sabemos o

⁷ Capítulo IV da Introdução do Curso de Linguística Geral, *Linguística da língua, linguística da fala*.

⁸ Cabe lembrar que a reflexão de D’Ottavi (2010) também advém da análise da posição do ouvinte a partir do circuito da fala presente no Curso de Linguística Geral.

⁹ Alternaremos a referência ao *Curso de linguística geral* (SAUSSURE, 1974), utilizando o nome completo da obra e apenas a expressão *Curso*.

que é um *b*, um *t* etc.” (SAUSSURE, 1974, p. 49). Mais uma vez, pode-se perceber que, ao falar sobre a produção de unidades sonoras, Saussure destaca que é ao efeito que o som produzido causa no ouvido que o linguista deveria estar atento.

Mediante essa primeira investigação acerca da noção de escuta no clássico livro, nos limites introdutórios da obra, reconhecemos a importante contribuição deste autor no domínio da linguística e áreas afins, assim como para o tema de nossa investigação quanto às considerações acerca do lugar de escuta.

Passamos agora a dar destaque a algumas notas de Tullio de Mauro (SAUSSURE, 1972), especificamente àquelas que se referem ao circuito da fala exposto na Introdução do *Curso de Linguística Geral*. Nossa escolha se baseia na representatividade das contribuições que as críticas do linguista italiano exerceram sobre o campo dos estudos saussurianos.

Em suas notas¹⁰, Tullio de Mauro retoma as definições a respeito da esfera da língua segundo a perspectiva do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala, uma vez que Saussure constatou a realidade linguística como dependente do sujeito falante, e a língua, como pura abstração teórica.

A ideia de que a língua é um conjunto de convenções necessárias e adotadas pela sociedade para possibilitar a faculdade da linguagem nos indivíduos, mas que, essencialmente, pelo ato individual da fala, o indivíduo vai ser capaz de exercer e partilhar essas aptidões determinadas pela convenção social, mostra-nos a pertinência destes conceitos para a clínica de linguagem – que intervêm no ato de fala, repercutindo, portanto, na escuta.

Com base nos estudos feitos por Tullio de Mauro acerca da diferença entre língua e fala, entende-se que a língua não constitui uma função do falante – é o produto que o indivíduo registra passivamente¹¹ – ao passo que, a fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência – indicando que a diferença da língua enquanto forma e da fala como realização significativa e fônico-acústica¹² é a primeira verdade que nos alcança, uma vez que permite reconhecer a característica radicalmente arbitrária do signo. No que tange a

¹⁰ Principalmente da nota 59 à nota 67 situadas nas páginas 425 – 431 do *Cours de Linguistique Générale*, Édition Critique préparée par Tullio de Mauro (SAUSSURE, 1972).

¹¹ O que se aponta aqui como “passivo” do ponto de vista da língua é este conjunto de alocações depositado pelo exercício da fala no cérebro dos falantes, o que também é conhecido como “o tesouro da língua”.

¹² É sempre importante lembrar que para Saussure o aspecto fônico-acústico da fala não se reduz à fisiologia pura. Sempre que refere a fala do ponto de vista fônico, o autor parte do princípio representativo de todo e qualquer sistema semiológico.

relação ativo/passivo e fala/língua, é legítimo supor que a escuta da língua incide sobre o ato de fala e, que a fala produz efeitos que, quando ouvidos e compartilhados pelo corpo dos falantes, repercute na língua; isto é, constatamos a escuta do aspecto fônico da língua desempenhando função sobre noções de sistema e valor.

Interessa-nos em especial o que Tullio de Mauro sugere quanto à audição, que, de acordo com esse autor, está longe de poder ser considerada como um simples mecanismo receptivo, uma inscrição inerte. Em nossa opinião, ouvir o discurso não é apenas um processo automático e passivo, mas uma função seletiva conforme os aspectos impostos pela situação e questões particulares de cada indivíduo.

O linguista italiano nos indica (cf. nota 64, SAUSSURE, 1972, p. 420) que a língua vive apenas para governar a fala, e, ainda que compreenda a evidência do contraste da língua no social e da fala no particular, manifesta críticas aos primeiros leitores de Saussure, sustentando a ideia de que não se pode separar e opor uma coisa da/a outra, visto que, língua e fala se articulam. Sendo assim, não só língua e fala repercutem uma na outra, conforme acabamos de sublinhar acima, como também evidenciam sua interdependência conceitual e fenomenológica, de forma justaposta, através da noção de escuta.

No decurso dessa reflexão, faremos a seguir referência à versão dos *Escritos de Linguística Geral*, organizada por Simon Bouquet e Rudolf Engler (SAUSSURE, 2004). Acreditamos que explorarmos não somente a clássica obra póstuma de Saussure – mas também, antigos documentos, releituras e críticas – abre espaço para diferentes apontamentos e possibilidades de deslocamentos da temática da escuta para o campo da clínica de linguagem.

A importante obra dos *Escritos de Linguística Geral*¹³ (SAUSSURE, 2004) oferece uma oportunidade de renovação para o pensamento moderno das ciências da linguagem e apresenta evidências do engajamento de Saussure com a noção de escuta. Em diferentes passagens, o genebrino nos coloca diante de suas considerações quanto ao sujeito falante e mostra que a própria definição de signo depende de seu reconhecimento por parte de um

¹³ Editada por Bouquet e Engler, a publicação *Escritos de Linguística Geral* reúne textos encontrados em 1996 e antigos documentos (Edição Engler, 1968-1974 e Acervo da Biblioteca Pública e Universitária de Genebra). Do ponto de vista filológico, cabe destacar a fundamental importância que tem, para o pesquisador das fontes manuscritas saussurianas, a edição desse mesmo manuscrito realizada por René Amacker, em 2011, com o título de *Science du langage: de la double essence du langage*. No presente artigo, no entanto, optamos por trabalhar com a versão de Bouquet e Engler, em função de sua larga divulgação no Brasil, através da tradução de Carlos Augusto Salum e Ana Lucia Franco (SAUSSURE, 2004).

falante-ouvinte, observação bastante relacionada à ideia de valorizar o “sentimento dos sujeitos falantes”, reconhecendo que a percepção que os falantes têm da língua é fundamental na constatação do que é ou não uma unidade linguística.

Vejamos como isso aparece nas fontes manuscritas:

A melhor prova de que a impressão acústica, por si só, tem um valor, é o fato de ser impossível, aos próprios fisiologistas, distinguir unidades no mecanismo da voz sem as unidades previamente fornecidas pela **sensação acústica**. O que faz um fisiologista ao explicar os movimentos para o *b*? Ele começa por estabelecer uma base na unidade que produz o *b* em seu ouvido. (SAUSSURE, 2004, p. 212, grifos nossos)

Os conceitos propostos pela teoria saussuriana em muito contribuem para nossa reflexão, visto que, apontam a importância da consideração de um sujeito falante-ouvinte para o funcionamento da língua em toda sua complexidade, salientando o valor da impressão acústica na tarefa de identificar os elementos que participam do ato comunicativo; princípio essencial para o tratamento na clínica de linguagem, fundamentando o processo terapêutico na percepção que o indivíduo tem de sua própria fala e da do outro, bem como do modo como se realizam os sons da língua para constituir valor no sistema.

A partir dessa perspectiva, encontramos, nos pressupostos saussurianos, vestígios que ressaltam a indissociabilidade do sistema da língua em relação àqueles que lhe conferem existência, afinal, o sistema de signos existe para (e pela) a coletividade: “ele é feito para se ouvir entre vários ou muitos e não para se ouvir sozinho” (SAUSSURE, 2004, p. 249).

Tendo em conta aprofundarmos a noção de escuta nas considerações realizadas por Ferdinand de Saussure, visitamos nos *Escritos* (SAUSSURE, 2004), reflexões cuja abordagem aponta para uma correlação entre as noções de língua e de sujeito falante – isto porque a ideia de que só há, para a língua, aquilo que existe para os falantes assinala tanto o aspecto da produção da fala quanto o aspecto da escuta da cadeia sonora, escuta essa reconhecida a partir da posição de ouvinte da língua, conforme vemos a seguir:

Uma palavra só existe verdadeiramente, de qualquer ponto de vista que se adote, pela sanção que recebe, a cada momento, daqueles que a empregam. É isso que faz com que ela difira de uma sucessão de sons, e que difira de uma outra palavra, mesmo composta da mesma sucessão de sons. (SAUSSURE, 2004, p. 76)

Desse modo, percebemos a noção de escuta operando sobre noções do sistema da língua, da mesma maneira que, entendemos o equívoco que seria pensar que é possível prever o curso desta ante o pretexto de que se conhece exatamente as estruturas de que ela (a língua) se compõe – visto que se atribui à escuta do sujeito falante-ouvinte os sentidos conferidos aos efeitos que a(s) fala(s) produz(em).

Considerações finais

A escuta da qual nos ocupamos não está garantida na materialidade fônica, mas escava significação mesmo em terreno escasso, acanhado em mínimas sugestões comunicativas passíveis de interpretação, como é o caso da clínica de linguagem.

Na reta final de nosso percurso, e após buscarmos ancoragem nas bases da linguística saussuriana, cabe-nos, nesse momento, encaminhar deslocamentos.

Saussure parece apontar que, não será na realização fônica em si que a significação e o valor se constituirão, mas que é pela impressão produzida no ouvido do falante que se alicerça a base da proposta de um sistema de diferenças opostas e relativas. Diante disso, constatamos a capacidade semiológica que os sons das línguas carregam, uma vez que o ato articulatório está absolutamente apoiado na impressão acústica produzida no ouvido do falante-ouvinte.

Arriscamo-nos a reconhecer que mesmo em situação de ocupar a posição daquele que escuta o dizer, ou o não dizer, do outro, acolhemos a demanda de operar com uma atitude disposta a significar o que nem sempre, ou quase em nenhuma vez, está dado como possível no terreno da língua. Dessa forma, a noção de escuta que atravessa nossas reflexões não se encontra limitada apenas a perceber a produção sonora do outro, mas manifesta um agir, um ajuste de ouvido que suspeita da perplexidade que a escuta convoca.

De acordo com o que já apontamos acima (cf. D'OTTAVI, 2010), mesmo no âmbito da linguística saussuriana, a posição do falante-ouvinte não é de forma alguma passiva. A partir da leitura do legado saussuriano e de seus leitores contemporâneos, operamos os devidos deslocamentos para o campo da clínica de linguagem. Lidar com a instância de um falante-ouvinte não passivo nos parece, senão a principal, a primeira delas.

Nesse sentido, nosso trabalho convidou a pensar na função da escuta para a clínica de linguagem, reconhecendo que é a partir da suposição de que o outro tem algo a dizer,

que podemos sustentar a comunicação. Assim, retornamos ao escrito de Barthes e pomos ênfase no que ele nos revela: "(...) o silêncio do ouvinte será tão activo como a palavra do locutor: poder-se-ia dizer que a escuta fala (...)" (BARTHES, 1987, p. 141).

Bibliografia Citada

- ANDRADE, Lourdes. "Considerações sobre a escuta na clínica de linguagem." *Cadernos de Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 47, n. 1/2, p. 167-174, 2005.
- BARTHES, Roland; HAVAS, Roland. "Escuta." *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa: Imprensa Nacional, v.11, 1987.
- D'OTTAVI, Giuseppe. "Ferdinand de Saussure e Monsieur B." In: *Bollettino di Italianistica*. Roma: Nuova Serie, v. VII, n. 1, p. 71-91, 2010.
- LIER-DE VITTO, Maria Francisca; EMENDABILI, Mariana. "Uma posição sobre a escuta na clínica de linguagem." *Linguística*, Montevideo, v. 31, n. 2, p. 73-82, dez. 2015.
- MILANO, Luiza; STAWINSKI, Aline; GOMES, Janaína. "Por uma noção de escuta a partir do legado saussuriano." *Eutomia*, Recife, v. 17, n. 1, p. 92-104, jul. 2016.
- POLLONIO, Cláudia Fernanda. *Escuta e interpretação na clínica de linguagem*. 2011. 146fls. Tese (Doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix. 1974.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot. 1972.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral* (org. Bouquet & Engler). São Paulo: Cultrix. 2004.
- STAWINSKI, Aline Vargas. *O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana*. 2016. 108fls. Dissertação (Mestrado em análises textuais, discursivas e enunciativas) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ⁱ Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora e orientadora no PPG em Letras na mesma universidade.

E-mail: luizamilanos@gmail.com

ⁱⁱ Mestranda em Estudos da Linguagem, vinculada a linha de pesquisa Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: melanysdias@gmail.com